

AS PIONEIRAS DA PSICANÁLISE

história e feminilidade

Camila Terra
da Rosa

ARTES & ECOS 

Porto Alegre
Artes & Ecos, 2024

Indubitavelmente, muitas vezes ouvi o galo cantar sem saber onde, comi gato por lebre, dei com os burros n'água, procurei chifre em cabeça de cavalo, mas posso dizer com toda a honestidade que toda vez que vi bois não hesitei em dar nome a eles, mutatis mutandis ou mesmo per os.

(Rachel Bowlby – Doida ainda, depois desses anos todos).

Copyright © 2023 Artes & Ecos

EDITOR Lucas Krüger

REVISÃO Andréa Ilha e Mauricio Wajciekowski

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R788p Rosa, Camila Terra da

As pioneiras da psicanálise: história e feminilidade
/ Camila Terra da Rosa. – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2024.
156p.; 15,5 X 22,5 cm

ISBN: 978-65-87457-33-8

1. Psicanálise – História. I. Rosa, Camila Terra da. II. Título.

CDU 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos
– CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos

contato@arteseecos.com.br

www.arteseecos.com.br

13	PREFÁCIO — por Renata Udler Cromberg
23	1. INTRODUÇÃO
27	2. A FEMINILIDADE NA OBRA FREUDIANA
36	2.1 A inveja do pênis como dispositivo de inscrição do feminino no discurso masculino
51	2.2 O masoquismo é feminino?
55	2.3 O primeiro amor da menina é a mãe
59	3. CONTINENTE OSCURO OU OCEANO DE CONTROVÉRSIAS?
59	3.1 Movimento pelo sufrágio feminino
64	3.2 Um congresso com função de corte
65	3.3 O processo institucional-burocrático da psicanálise
69	3.4 Análise de crianças: a possibilidade de emancipação das mulheres
71	3.5 Elas tomam a palavra
77	4. A SEXUALIDADE FEMININA ATRAVÉS DAS PIONEIRAS DA PSICANÁLISE
78	4.1 Freud e as psicanalistas
81	4.2 Karen Horney – Uma teoria para além da inveja do pênis
83	4.3 Jeanne Lampl-de Groot e o Édipo ativo da menina
86	4.4 Ruth Mack Brunswick e o estágio pré-edípico feminino
87	4.5 Melanie Klein – Também se inveja o feminino
91	4.6 Joan Riviere – Mascarada
94	4.7 Helene Deutsch – Narcisismo, passividade e masoquismo na personalidade da mulher

99	5. SÓ DEPOIS: NOTAS PARA UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTORIOGRAFIA PSICANALÍTICA
99	5.1 O veado no cio grita em satisfação
104	5.2 Pioneiras
117	5.3 A inscrição de uma marca
119	6. A FEMINILIDADE NA OBRA FREUDIANA
121	6.1 Psicanálise e história: o que dizem alguns autores?
126	6.2 Três eixos para pensar uma contribuição a uma historiografia psicanalítica
136	6.3 Considerações finais
139	7. MOMENTO DE CONCLUIR
145	REFERÊNCIAS
155	FILMOGRAFIA

PREFÁCIO

AS PIONEIRAS DA PSICANÁLISE: HISTÓRIA E FEMINILIDADE

Renata Udler Cromberg

Há textos que são fundamentais. Não importando qual sua origem e seu destino, eles devem ser escritos. Assim senti este escrito de Camila Terra, desde sua origem, no Mestrado na UFRGS. Agora, ele vem publicado com nova roupagem, em livro, tendo a coautoria de Amadeu Weinmann, seu orientador, em quatro dos seis capítulos da obra. Um texto-sinfonia que fisga, por meio do ritmo e do encaideamento tanto lógico como de elaboração simbolizante, recheado de frases que dão pontos de arremates poéticos e proporcionam uma prazerosa leitura. Apontando caminhos, entre vias que se entrecruzam, a autora leva o leitor a um passeio de aprendizado e desfrute na confluência do corpo, do psiquismo e da mente.

O título já anuncia a que veio o livro, ao colocar juntas a história e a feminilidade, as quais costumam, em geral, ser colocadas em campos opostos — a história ligada ao campo simbólico; a feminilidade ligada à alteridade radical, para além do simbólico. Aqui, Camila Terra percorre um caminho que transtorna a concepção de história da psicanálise pelo próprio percurso que faz por meio de suas proposições. E quais são elas?

A primeira é de que Freud só pôde estudar a feminilidade a partir da década de 1920, porque as analistas mulheres da segunda geração o influenciaram, a partir do Congresso de Berlim de 1922, no qual foram discutidas as visões diferentes das dele sobre o percurso psíquico das meninas e mulheres até então. Nele, a jovem psicanalista Karen Horney defende a ideia de que a inveja do pênis é consequência de uma feminilidade reprimida. Por causa disso, esse congresso é um marco histórico: é a partir dele que as psicanalistas de 1920 surgem com uma nova potência. Os textos *Sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933) se constroem a partir da leitura de Freud e

da citação dos trabalhos publicados dessas analistas mulheres da segunda geração. Camila Terra rastreia os traços deixados nesses textos, indo ao encontro de suas produções teóricas, escolhendo focar na sexualidade feminina.

A segunda proposição é a de que o destaque e a força obtidos por essas mulheres da segunda geração foi o que permitiu à autora lançar luz sobre a existência de uma primeira geração de psicanalistas cuja obra permaneceu esquecida por muitos anos. A hipótese da autora é de que a “segunda geração de mulheres, que iniciou sua atuação nos anos 1920, pôde se formar como um grupo a partir dos traços já existentes deixados pelas mulheres de 1910”. É somente *a posteriori*, isto é, a partir da intensa atividade das psicanalistas dos anos 1920, que se podem compreender as experiências sofridas pelas pioneiras do movimento psicanalítico, em um movimento retroativo, que constitui uma história. O segundo tempo “só pôde existir como reativação dessas marcas e é também ele que dá sentido (traumático) ao primeiro tempo da história.”

A hipótese da autora é de que a primeira geração de mulheres psicanalistas — a dos anos 1910, formada por analistas que morreram de modo trágico e só foram descobertas pela historiografia psicanalítica muito tardiamente — “inscreveu uma marca originária na história do movimento ao criarem traços de uma possibilidade de atuação feminina, traços deixados em função da resistência que encontraram”.

Camila Terra tem uma posição de pesquisadora que se faz política pela pesquisa. Ela se faz psicanalista historiadora numa posição que não pretende o saber absoluto. Ao contrário, impõe um limite a ele e se faz em ato: ao narrar a história, ela faz história. Ela pretende a diferenciação entre feminino ou feminilidade e mulheres: só assim o feminino pode aparecer como operador que questiona a teoria psicanalítica. E é assim que ela apresenta o conceito psicanalítico de feminilidade: “Ele tem a função de dar borda — e deixar furos — visando produzir torções na questão de Freud ‘o que quer uma mulher’, dirigida a Marie Bonaparte, para ‘o que quer a mulher da psicanálise?’” A autora pretende dar borda ao buraco feminino ao tirar a mulher do lugar de mistério inabordável.

Mas voltemos ao início. O primeiro capítulo, “A feminilidade na obra freudiana”, é um livro dentro do livro. A maneira de ler Freud é ao pé do texto. A análise de um texto traz as aberturas das

questões que levarão à análise de outro texto. Existirão, no futuro, leitores de Freud assim, que têm tanto prazer na acuidade simples de acompanhar o nascer de suas reflexões conceituais? No entanto, antes desse percurso na letra freudiana, aparece um estudo de todo o contexto histórico-cultural e social da família burguesa do final do século XIX e início do século XX, no qual aparece o lugar da mulher: “A maternidade e o lar passam a fazer parte das relações de poder existentes entre homens e mulheres. Através da ‘histerização’ do corpo da mulher, o corpo feminino é integrado ao saber médico, a partir de sua patologização. Por um lado, é imposto às mulheres o ideal da maternidade; por outro, as mulheres são colocadas como submetidas a uma ‘doença nervosa’. Inscritas nesse duplo registro, as mulheres passam a fazer parte do social.”

A leitura e a análise dos textos freudianos sobre a feminilidade que se seguem trazem a hipótese de que eles se organizam em três temáticas: a inveja do pênis, o masoquismo feminino e a constituição pré-edipiana.

A inveja do pênis, primeiro tema, aparece como “dispositivo de inscrição do feminino no discurso masculino”. Para a autora, “o desafio proposto pela feminilidade está na sua impossível decifração”. No entanto, é nesse inominável e indomesticável que está a potência do feminino, mas isso é aterrorizador. Por isso, o órgão feminino não é descoberto na infância. No inconsciente constituído pelo recalque da sexualidade infantil, “a vagina não é nomeada”. A atividade dessa força impulsiva, característica da masculinidade, é o motor da curiosidade sexual, da premência a investigar. Daí podemos entender a força do recalque nas meninas, pois é preciso fazer essa mudança, vinda do seu comportamento masculino para com seu genital, da atividade para a passividade, a partir da puberdade. Ser mulher e não ter um pênis ainda não são sinônimos. A vagina, não nomeada pelas crianças, é agora o lugar de acolhimento do pênis e herança do útero, disso derivando o seu prazer: “Se, no início, tudo era pênis; no final, a vagina nada mais é do que um receptáculo para ele.” Ela permite pensar no feminino, sobretudo, em relação à maternidade, os lugares diferenciais entre doação, generosidade e masoquismo.

Nesse sentido, como pensar o efeito das novas nomeações afirmativas nas novas educações sobre gênero, inspiradas pelo movimento feminista? Como elas podem fazer contrapeso à teoria visual

infantil da organização do mundo dos entes entre fálico/castrado? A penetração sexual é o insuportável da criança ouvir. Nomear uma positividade cria um solo para um feminino não inferiorizante por não ser fálico? O acesso positivado à atividade/masculino nas meninas contribui para isso, para uma espera não inferiorizante? O quanto a nomeação positivante da vagina pode apresentar uma força vaginal que vai na contramão de uma cultura que julga insuportáveis os anéis vaginais ativos, os quais trazem uma positividade da feminilidade, e não apenas a vagina como receptáculo sem atividade?

A autora faz uma discussão sobre o lugar diferencial para meninas e meninos em relação à feminilidade. Tanto o horror da criatura mutilada ou o desprezo triunfante por ela, nos meninos, como a inveja do pênis, na qual a visão do órgão é um ataque narcísico — que leva ao sentimento de inferioridade e de punição individual nas meninas —, levam a pensar o Horror cultural. Na cultura em que predomina o olhar do menino que reforça o repúdio à força vaginal, em que predomina o horror do desejo ao pênis na mulher e não a inveja dele, em que predomina a desvalorização da mulher pelo olhar do menino, recoloca-se o desafio fálico e o afastamento cultural da mulher e do feminino. O feminino é então discutido como uma fabricação social, na qual cabe a pergunta sobre por que a anatomia causaria humilhação. O mérito da autora é formular que o complexo de castração — o qual, ao surgir, na obra freudiana, em 1908, não tinha o valor organizador que terá a partir de 1920 — sempre opera no sentido de limitar a masculinidade e dar abertura à feminilidade. Eis uma nomeação positiva e que aponta para o movimento do devir, de um indomável, não submetido à ordem e à razão, mas que se faz presente.

O segundo tema parte de uma pergunta: o masoquismo é feminino? Após uma longa análise dos textos freudianos, *Bate-se numa criança* e *O problema econômico do masoquismo*, a autora conclui que a possibilidade de gozo, na posição castrada frente à ordem fálica, vai além dessa ordem. É a alteridade radical, indecifrável, estranha a si própria. É assim que o feminino se torna moldura para o desamparo, não apenas nas mulheres, mas naquilo que é o incessante e não escrito em todos os sujeitos. O desamparo nos coloca frente à passividade erógena ou passividade originária. Será que não se há de interpretar a posição do gozo feminino de outro modo que não seja o residual em relação ao fálico? Aberturas, frestas, espaços internos que se abrem, o

cósmico em cada um, um devir desdobramento, um inominável que se move ao nomeável, um feminino prenhe de renascimentos que modificam um eu que pode renascer, se não faz barreira fálico-narcísica à sua emergência, ao dar um lugar de invisibilidade à mulher.

Finalmente, o terceiro tema: a afirmação de que o primeiro amor da menina é a mãe. Por ter a possibilidade de regressão a esse tempo primordial com a mãe — nunca abandonado —, a menina também se coloca em um registro aquém da ordem fálica; em outras palavras, fora do registro edípico. Essa porção da constituição psíquica não se enlaça ao falo, não se inscreve nessa ordem: “Há submissão à ordem (fálica) e, ao mesmo tempo, possibilidade de escape a ela.”

O terceiro capítulo se organiza em torno de uma interrogação que provoca a afirmação freudiana sobre a obscuridade do continente feminino. Escolhendo cinco vias de acesso, a autora se pergunta se se trata de um continente obscuro ou de um oceano de controvérsias que jazem sob essa afirmação freudiana.

Em primeiro lugar, ela faz uma retomada histórica do movimento pelo sufrágio feminino, o qual alcança seus objetivos no limiar dos anos 1920. Depois disso, é a vez de analisar outro fato histórico, o Congresso de Berlim de 1922, que trouxe as controvérsias do movimento psicanalítico na época: “Se, por um lado, Freud coloca o debate sobre o feminino, oriundo do discurso científico do século XIX, em um novo patamar de complexidade; por outro, ao situar essa teoria nos marcos de uma cultura patriarcal, Horney converte-se não apenas em uma pioneira da psicanálise, mas também do feminismo.” Ela aponta que é “sempre importante lembrar o contexto em que nasce um conceito”. Essas temáticas se uniram como uma possibilidade de questionamento da teoria e da prática freudiana, abrindo espaço para outras autorias no interior do movimento psicanalítico. Uma terceira via é a análise de como se dá o processo institucional-burocrático da psicanálise, sobretudo na década de 1920. Uma quarta via é a de como as psicanalistas mulheres se emanciparam por meio da análise de crianças. As pioneiras dos anos 1910 se inseriram no movimento psicanalítico pela psicanálise de crianças, como se pode ver nas trajetórias de Sabina Spielrein, Hermine von Hug-Hellmuth, Vera Schmidt e Tatiana Rosenthal.

Melanie Klein se destacou como aquela que acreditou que a psicanálise poderia auxiliar no tratamento de crianças, já que, por

intermédio da psicanálise, seria possível ter acesso a seu inconsciente, por meio da transferência. As alterações técnicas propostas por Klein resultaram em alterações metapsicológicas e em uma nova escola de psicanálise.

Finalmente, a quinta via, por meio da qual Camila analisa como as psicanalistas mulheres tomaram a palavra em torno da questão da feminilidade e da sexualidade feminina e como influenciaram a escrita freudiana sobre o tema.

O quarto capítulo é escrito de uma maneira simples e sintética, mas preenche de informações. Nele, a autora examina a sexualidade feminina por intermédio das seis pioneiras da psicanálise da segunda geração. Num primeiro tópico, ela fala da relação de Freud com essas pioneiras — um Freud que se encontra em uma posição paradoxal: “por um lado, é a partir da voz dessas psicanalistas que ele é levado a repensar sua teoria sobre a sexualidade feminina; por outro, ele é sujeito, no sentido de assujeitado, da cultura de sua época”. Ela pontua os trechos em que essas psicanalistas aparecem nos textos freudianos, especialmente pela descoberta da intensa ligação pré-edipiana, pela sensibilidade feminina à transferência materna, encabeçada por Ruth Mack Brunswick, em *A análise de um caso de paranoia feminina*, de 1927, e por Melanie Klein, em *Estágios iniciais do conflito edipianos*, de 1928. Helene Deutsch também aparece com três escritos citados por Freud.

Ao começar a examinar a produção dessas psicanalistas decisivas na torção efetuada na teoria freudiana da feminilidade, ela dedica seu próprio trabalho de escrita a essas mulheres. Os próprios subtítulos dos itens que analisam a obra dessas pioneiras traduzem sinteticamente sua contribuição.

O quinto capítulo é dedicado às mulheres no início do movimento psicanalítico. O que espanta nossa autora é como essas mulheres permaneceram sem qualquer referência em biografias de Freud, sem estarem presentes em seu círculo profissional. Esse fato dificultou registrar os traços históricos deixados por elas, dando a falsa ideia de que elas não existiram: “Foi nesse solo pouco receptivo ao registro de sua presença que as primeiras mulheres psicanalistas deixaram marcas e construíram sua história.” Margarete Hilferding — a primeira mulher membro da Sociedade Psicanalítica de Viena (SPV) — decide acompanhar Adler e deixar a sociedade, o que favoreceu seu apaga-

mento. No entanto, 60 anos depois, seu texto *A base do amor materno*, de 1911, é uma referência contemporânea. Apenas Lou Andreas-Salomé é lembrada como amiga íntima de Freud: “ela chega a Viena, em 1912, e encanta toda a comunidade psicanalítica e permanece em um lugar especial até os anos 1930”. Ela era mais reconhecida pela sua presença feminina forte e inteligente do que pelos seus inovadores textos. Por meio da conturbada entrada de Hielferding na Sociedade Psicanalítica de Viena, vemos os preconceitos misóginos de alguns psicanalistas homens, ao fazerem barreira a esse início da presença feminina no campo psicanalítico.

Foi com satisfação que encontrei minha própria reflexão sobre a concepção gearqueológica da história, na concepção de história elaborada por Camila Terra para trazer as pioneiras de 1910 à visibilidade, revisitando suas histórias. Em sua concepção de história, em que passado e presente continuam vivos e são concomitantes, é a temporalidade que se modifica. “Assim, falar de história não consiste em falar do passado, consiste em permitir que aquilo que foi fundador dos movimentos contemporâneos ganhe nome e passe a transitar no discurso atual, sendo fonte de novas ligações. Escutar a história permite um trânsito ainda maior de cadeias associativas e possibilita novas construções que podem transformar o mundo em que vivemos.” Diferentemente dos homens psicanalistas, as psicanalistas mulheres sofreram com o apagamento de sua história e de suas contribuições para o movimento psicanalítico.

Emma Eckstein, paciente de Freud, foi a primeira mulher a trabalhar com a clínica psicanalítica e a receber pacientes (encaminhados pelo próprio Freud). Em seguida, foi Margarete Hilferding, falando que a maternidade não é um instinto, mas se constitui na amamentação. Logo depois, aparece Sabina Spielrein, com sua obra pioneira e que já previa o que seria retomado por Freud e outras psicanalistas dos anos 1920 acerca da fase pré-edípica feminina. Ela também antecipou as reflexões sobre a pulsão de destruição e o sofrimento masoquista, que Freud teria apenas a partir dos anos 1920. Também foi pioneira em pensar a origem da linguagem e do pensamento nas crianças. Em seguida, vem Hermine Hug-Helmuth, com sua história conturbada, mas que foi encarregada por Freud de reunir o material sobre psicanálise de crianças (seu e de outras psicanalistas). Já Tatiana Rosenthal e Vera Schmidt, psicanalistas russas, foram as pioneiras

em tecer a confluência entre psicanálise, neurologia e educação, criando — a primeira pela ideia e a segunda pela execução — o Lar Experimental de Crianças, primeiro jardim da infância psicanalítico, em Moscou, em 1921.

Camila Terra encerra o capítulo apontando o quanto as primeiras mulheres pertencentes ao movimento psicanalítico, que ela chama de “geração dos anos 1910”, “colocaram-se (e foram colocadas) em uma posição contracultural, permanecendo à margem da história; ao mesmo tempo, elas tiveram uma função de borda da história”. Ela também afirma que o “feminino, sob todas as suas formas e em todos os seus estados, foi o núcleo principal de uma expressão da psicanálise que assumiu o aspecto de uma derrota da imago paterna contra um fundo de decadência da família patriarcal”. Os anos 1910 deixaram marcas, mas “é a partir das questões de qual é o estatuto dessas marcas e do que a geração de 1920 diz, no que concerne a essas marcas inaugurais, que a autora se dedica, no último capítulo, ao método de pesquisa que deu origem a seu trabalho.

Em “Só depois: notas para uma contribuição à historiografia psicanalítica”, ela argumenta que é lógico que a metodologia se inscreva no fim e seja o próprio tempo de concluir, ao exigir uma reflexão sobre o efeito *a posteriori*, sendo esse o próprio movimento de trabalho que chegou às primeiras mulheres de 1910, depois de uma escrita das mulheres de 1920. É aqui que a autora contribui com a história do movimento psicanalítico. A partir de Freud, ela afirma que “uma historiografia psicanalítica é estampada de um caráter subjetivo, isto é, vai além de uma suposta objetividade dos fatos”. A autora busca a historiografia como uma alteridade ao discurso, como um campo de debates acerca dos distintos paradigmas teórico-metodológicos da pesquisa histórica. A partir da leitura de vários autores que trazem uma pluralidade de formas de operar no espectro não positivista da historiografia, ela inscreve, nessa vertente plural de pesquisas, sua contribuição para uma historiografia psicanalítica. A psicanálise faz parte de um paradigma que inclui os resíduos e as singularidades. Por meio do paradigma indiciário, o sujeito singular irrompe na história. Sua contribuição se expressa no exame de três eixos, para pensar uma contribuição com uma historiografia psicanalítica: *a posteriori* ou só depois, *das Ding*, e a verdade histórica, a partir do traumático. É no momento de sua retranscrição — em outras palavras, retrospectiva-

mente — que a marca primordial devém traumática. O trauma está na base do conceito só depois, e se articula com a concepção de uma história não cronológica. Na complexa temporalidade psicanalítica, a possibilidade de reescrita do passado, *a posteriori*, é uma premissa. Já *das Ding*, conceito kantiano para a coisa em si, ela nunca será reencontrada: o objeto, em si, está para sempre perdido; dele, restam marcas que orientam o desejo. Logo, a busca se dá constantemente, mantendo o aparelho psíquico vivo e produtivo. Assim, as narrativas e as interpretações, tanto da psicanálise quanto da história, são tentativas de contornar esse objeto irrecuperável. A história não é uma experiência única, mas um conjunto de experiências que podem ser narradas de diferentes formas — uma dispersão.

Ao concluir, Camila Terra se pergunta: o que dizer da história como pesquisa das origens? Dizer, talvez, “que as origens se encontram irremediavelmente perdidas”: *das Ding*, essa Coisa inapreensível. Sua natureza é mítica; no tempo do “só depois”, elas recobrem o trauma. Sob a forma de uma herança arcaica, o traumático de uma cultura insiste, faz uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico. Mediante sua transmissão simbólica, tal herança é passível de retranscrições”. E isso que se transmite — os restos de uma cena originária — pode ser escutado nas brechas dos muros discursivos, nas entrelinhas da história oficial; ecos de vozes emudecidas pelo trauma.

Ao final, Camila pode enunciar o efeito de sua pesquisa sobre ela mesma, ao reconhecer a história de sua constituição como psicanalista e o seu posicionamento dentro de uma epistemologia feminista, a qual apresenta um posicionamento político que opera na tentativa de compreender e propor mudanças em uma estrutura hierárquica fundamentada, também, na noção de gênero. Ela reconhece que seu próprio posicionamento só é possível em um *só depois* das lutas feministas. Ela não apaga as marcas de seu lugar de enunciação. O lugar ocupado pelas mulheres no movimento psicanalítico, nos dias de hoje, é que permitiu que as histórias das mulheres de sua pesquisa pudessem ser contadas, inserindo-as em um processo de busca de filiação e de herança, na história psicanalítica a partir dos vestígios e das marcas dos processos que sucumbiram ao recalque.

Uma epistemologia feminista implica, necessariamente, a ideia de uma história não cronológica, buscando uma produção que nasça das relações entre as diferenças, já que os estudos feministas inovam

na maneira como trabalham com as multiplicidades temporais, descartando a ideia de linha evolutiva inerente aos processos históricos. É aqui que a autora reconhece a convergência entre psicanálise e feminismo. Na confluência desses dois campos, o feminino se delinea, em sua positividade, por meio da leitura das pioneiras da psicanálise, indicando, para as mulheres, uma genitalidade que não está vinculada à maternidade compulsória, mas, sim, ao desejável e desejante. Ela é também a presença fundamental nos primórdios da subjetivação e do acesso à linguagem das crianças, por meio da amamentação e do seu apelo linguajeiro. Mãe ou mulher, o seu corpo erógeno diferencial é positivado em sua potência orgástica clitoridiana, vaginal e com o corpo inteiro. Enquanto cidadã, pode desempenhar qualquer função no campo simbólico, investido com sua atividade desejante. Assim, se uma mulher pode ocupar um lugar de objeto fálico de um homem, no sentido erótico, e se identificar com essa opção, esse já não é num lugar inferiorizador ou anulador, fixado por uma posição fálica, narcísica, misógina e desvalorizadora, mas, sim, parte do jogo prazeroso da sexualidade. Desse mesmo modo, a homossexualidade feminina é considerada em um lugar não patológico.

Com isso, vemos que o objetivo deste livro é tentar assegurar que os nomes das mulheres pioneiras da psicanálise não sejam esquecidos, retirando o complexo véu da invisibilidade que apagou suas vozes, a riqueza de suas contribuições e seu lugar na constituição, sempre em transformação, do campo psicanalítico.

Os leitores estão diante de uma preciosa e original contribuição para a história da psicanálise. Só posso desejar a vocês uma boa e prazerosa leitura!

1. INTRODUÇÃO

No cenário atual, a presença e participação ativa de mulheres nas diversas instituições de psicanálise não é incomum. De fato, é possível até mesmo que o número de mulheres tenha superado o de homens. Essa situação, absolutamente natural aos olhos de um psicanalista de nossos tempos, pareceria impensável a um membro do movimento psicanalítico na primeira década do século XX (Silva & Santo, 2015, p. 136).

É este estranhamento o motor desta livro: qual trajeto foi percorrido pelas mulheres do movimento psicanalítico para chegarmos na situação atual? Freud (citado em Assoun, 1948/1993, p. 149), em uma resenha, escrita em 1883, do livro *A emancipação feminina*, de John Stuart Mill, considera um absurdo o pensamento libertário da emancipação econômica das mulheres. “Deveria eu, por exemplo, considerar minha meiga e delicada amada como uma concorrente?”. Mill, conhecido filósofo liberal, defendia o igualitarismo político e militou a favor do sufrágio feminino. Em um de seus trabalhos:

[...] comparou a condição delas [mulheres] à servidão feudal ou colonial, chegando mesmo a denunciar o “estupro conjugal” da qual eram, afirmava, as vítimas silenciosas e impotentes. A seus olhos, o aleitamento das mulheres tinha suas raízes na barbárie masculina, vestígio de uma dominação ancestral que perdurava no seio da família burguesa. Para combater esses flagelos, preconizava o direito ao divórcio, o acesso igual das mulheres e dos homens à instrução e a livre escolha do trabalho (Roudinesco, 2012, p. 124).

Como reagiria Freud ao descobrir que as mulheres usam a psicanálise para sua emancipação, inclusive econômica?

A feminilidade, como conceito psicanalítico, é tecido nas fronteiras da metapsicologia e da cultura. Pensar o feminino não se reduz em pensar as mulheres, muito pelo contrário: o feminino, como aquilo que escapa à ordem fálica, assombra todo ser do inconsciente. Porém, falar em feminilidade sem falar nas contingências sócio-políticas das mulheres na cultura é isolar a psicanálise em uma posição de não-diálogo. Assim, se faz necessária uma retomada dos discursos sobre o feminino, em psicanálise, com a finalidade de dar borda – e deixar furos –, visando produzir torções na teoria. Freud, como “iluminista sombrio”, dedicou-se ao estudo daquilo se que mantinha na escuridão da cultura, que em alguns momentos ganha o nome loucura, desrazão, e, em outros, ganha outros nomes: feminino, infância, homossexualidade, negritude (Roudinesco, 2014).

Esse livro nasce das inquietações sobre os desdobramentos do conceito psicanalítico *feminilidade*. A teoria, limitada pelas possibilidades de seu fundador, aponta para o que está além da feminilidade como estereótipo social. Segundo Assoun (1948/1993, p. 19), a questão de Freud “o que quer uma mulher”, dirigida a Marie Bonaparte, deve ser lida como: “o que quer a mulher da psicanálise?”. O feminino é um dos operadores que pode questionar a teoria.

Tendo estas questões como princípios, percorremos a teoria para nos auxiliar em nosso trabalho. Começamos por quem começou: Freud. É nele, em diferentes momentos de sua obra, que encontramos os alicerces para as teorias posteriores. Buscamos, ao longo de seus escritos, situar em quais pontos a teoria freudiana dedicou-se ao estudo do feminino, em diálogo com o contexto cultural em que a psicanálise foi construída, escutando, na potência discursiva psicanalítica, o tecido cultural da qual fez e faz parte. Neste processo, três eixos precipitaram-se na leitura: *inveja do pênis*, *masoquismo feminino* e *conflitiva pré-edípica*. Este capítulo serve como fundamento para as indagações posteriores.

Nos deparamos, então, com um marco histórico: o Congresso de Berlin, ocorrido em 1922. Nele, a jovem psicanalista Karen Horney defende a ideia de que a inveja do pênis é consequência de uma feminilidade reprimida. Mais do que uma teoria, Horney defendia uma posição. É essa a cena de abertura para um novo *status* das

mulheres no movimento psicanalítico. Seguindo essas trilhas, nos encontramos com psicanalistas que escreveram sobre a sexualidade feminina, nos anos 1920, nos deparando, algumas vezes, com uma teoria com outra voz e com outro tom. Apresentaram-se, aqui, psicanalistas com trabalhos publicados e citados por Freud, com um caminho já traçado dentro do movimento psicanalítico, ocupando, inclusive, cargos institucionais, que exemplificam o espaço ocupado por estas mulheres no movimento. São elas: Karen Horney, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Melanie Klein, Joan Riviere e Helene Deutsch. Neste processo, nos perguntamos quais as condições de possibilidade da elaboração psicanalítica de uma teoria da feminilidade realizada por mulheres.

O encontro com essas psicanalistas nos fez questionar: sobre quais traços foi construída essa nova posição? Nesse movimento, chegamos nas pioneiras da psicanálise dos anos 1910. É no silenciamento dessa primeira geração, que só foi reconhecida pela historiografia no último quarto do século XX, que nos deparamos com uma herança feminina e com a possibilidade de uma reescrita da história do movimento psicanalítico. São elas, escolhidas a partir de um recorte sobre o que consideramos sua importância: Emma Eckstein, Margarete Hilferding, Sabina Spielrein, Hermine von Hug-Hellmuth, Vera Schmidt e Tatiana Rosenthal.

Inevitavelmente, chegamos em um ponto em que história e psicanálise se entrelaçam, exigindo uma reflexão metodológica. A partir da questão: por que existem tantas leituras da herança freudiana? Mezan (2014) pontua:

Pois é toda a questão da história da disciplina que, imperceptivelmente, terá vindo esgueirar-se por baixo da pergunta aparentemente fácil de responder. E a *história* da psicanálise o confrontará, por sua vez, com alguns dos enigmas mais intrincados da *teoria* da psicanálise. (p. 22)

Ao nos debruçarmos sobre a história da psicanálise, com qual herança nos deparamos? Existem diversas formas de interpretar aquilo que faz parte de uma história? Existe uma única história? Existe diálogo possível entre psicanálise e história? Quais as consequências deste movimento? O que esperamos encontrar? Nesse sentido, uma história feminina aparece como outra intersecção inevitável

desse livro. A metodologia, assim, questiona o próprio trabalho, em um efeito de *a posteriori*, buscando sentido em um *só depois*. O que decantou desse processo encontra-se escrito, no que é possível de se escrever, nessas páginas.